

CONVERTER OS EDUCADORES CRISTÃOS À EDUCAÇÃO NOVA: a ação editorial do padre François Chatelain, na França, nos anos 1930¹

CONVERTING CHRISTIAN EDUCATORS TO NEW EDUCATION: the editorial action of Fr François Chatelain in France in the 1930s

Laurent Gutierrez - Université Paris, Nanterre²

Paulo Augusto Tamanini - UFERSA³

Rogério Luiz de Souza - UFSC⁴

Edison Lucas Fabrício - UFSC⁵

RESUMO

O artigo objetiva abordar a inserção da Educação Nova no campo educacional e editorial católico, na França, nos anos 1930. Dentre as diversas iniciativas nesse sentido, ganhou relevância a ação do padre dominicano François Chatelain à frente de um projeto editorial pioneiro e inovador na *Editions du Cerf*, tradicional editora católica na França. Pe. Chatelain esteve ligado aos principais nomes da Educação Nova, como Adolphe Ferrière, Édouard Claparède e outros, e reuniu ao seu redor uma constelação significativa de intelectuais católicos interessados no aperfeiçoamento da pedagogia católica. Entre aplausos e resistências, o Pe. Chatelain conduziu de forma estratégica a coleção *Les Sciences et l'Art de l'éducation*, enfrentando a desconfiança e o ceticismo dos tradicionalistas e recebendo apoio dos educadores católicos interessados na renovação dos métodos pedagógicos.

Palavras-chave: Catolicismo; Educação Nova; Campo educacional francês.

ABSTRACT

The article aims to address the insertion of New Education in the Catholic educational and editorial field in France in the 1930s. Among the various initiatives in this sense, the action of the dominican priest François Chatelain led a pioneering and innovative editorial project at *Editions du Cerf*, a traditional Catholic publisher in France. Chatelain was linked to the main names of New Education, such as Adolphe Ferrière, Édouard Claparède and others, and gathered around him a significant constellation of Catholic intellectuals interested in improving Catholic pedagogy. Between applause and resistance, Fr. Chatelain strategically led the collection *Les Sciences et l'Art de l'éducation*, facing the distrust and skepticism of traditionalists and receiving support from Catholic educators interested in the renewal of teaching methods

Keywords: Catholicism; New Education; French educational field.

DOI: 10.21920/recei72018410118128

<http://dx.doi.org/10.21920/recei72018410118128>

¹Escrito no idioma francês, o artigo *Convertir les éducateurs chrétiens à l'éducation nouvelle: l'action éditoriale du père François Chatelain dans les années 1930* é resultante de uma pesquisa coordenada pelo Prof. Dr. Laurent Gutierrez, da Université Paris Nanterre, França. Coube aos coautores pesquisadores brasileiros, a cooperação, adaptação, enxertos e a tradução para o idioma português.

²Professeur et chercheur du Département des sciences de l'éducation. Centre interdisciplinaire de recherche normand en éducation et formation. Université Paris X. França. E-mail: laurent.gutierrez@parisnanterre.fr

³Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino (UERN/UFERSA/IFRN). Doutor em História (UFSC), com Estágio Pós-Doutoral em História (UFPR). E-mail: paulo.tamanini@ufersa.edu.br

⁴Professor Titular de História. Programa de Pós-Graduação em História da UFSC. Pós-doutor em Ciências Sociais pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Paris, França, sob a supervisão de Michael Löwy. E-mail: rogerklaumann@gmail.com

⁵Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História- UFSC. Mestre em História pela UFSC. E-mail: edisonlucasf@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Após a Primeira Guerra Mundial, a escola francesa se questiona sobre o significado e o alcance de seus objetivos. As novas instruções oficiais (chegadas em 23 de fevereiro de 1923) questionavam a eficácia dos métodos tradicionais de ensino. Para alguns autores da imprensa educacional da época, esta reforma está em consonância com as ideias promovidas pelas escolas novas e a Liga Internacional para a Nova Educação, criada em Calais em 1921. As ações inovadoras destes promotores são atraentes no contexto do pós-guerra, nas quais se busca, sobretudo, evitar que tal desastre bélico se reproduza. Entre as reivindicações, eles preconizam uma educação para a paz e em favor de uma maior responsabilização dos indivíduos desde a tenra idade. As ideias da Educação Nova, baseadas na liberdade e respeito pela natureza das crianças, são as vias a trilhar. Mas esse caminho é povoado de numerosos obstáculos, que levaram o papa Pio XI a advertir os educadores cristãos contra os “sistemas modernos de nomes diversos” fundados sob uma “liberdade ilimitada da criança”. Matizada em muitos pontos, a encíclica *Divini illius Magistri* de 31 de dezembro de 1929 irá dar origem a várias interpretações, que vão desde a condenação pura e simples da Educação Nova ao estudo dos métodos de ensino por ela propostos. O padre François Chatelain, que ocupa um lugar singular na história da educação católica francesa vai optar pela segunda alternativa, ao lançar uma coleção de obras para as *Editions du Cerf* em 1931.

Nosso objetivo é analisar as estratégias editoriais que este dominicano vai empregar e a cautela doutrinária com a qual irá promover estas obras de pedagogia cristã. Nesta perspectiva, após termos percorrido as principais etapas de sua trajetória intelectual, tentamos entender qual era o propósito de Chatelain quando ele criou a coleção *Les Sciences et l'Art de l'éducation*. Este esclarecimento nos conduzirá a delimitar melhor as condições que lhe permitiram difundir estas obras assim como aquelas que tiveram seu alcance reduzido.

UM APOSTOLADO PEDAGÓGICO A SERVIÇO DE UMA EDUCAÇÃO NOVA CRISTÃ

François Chatelain tinha trinta anos quando foi ordenado sacerdote em 1926. Doutor em filosofia e teologia, seu interesse vai rapidamente se direcionar às questões de psicologia e de pedagogia. Desde 1928, ele se dirigia ao curso de férias do Instituto Jean-Jacques Rousseau em Genebra, onde conheceu os principais elaboradores da Educação Nova (Adolphe Ferrière, Pierre Bovet, René Nihard, Édouard Claparède). Ao mesmo tempo, ele escreve suas primeiras resenhas de obras de psicologia para a *La Revue des Sciences philosophiques et théologiques*⁶. No ano seguinte, ele participa do primeiro Congresso Internacional de Psicologia (Paris, de 21 a 27 de março de 1929), durante o qual se encontram, entre outros, Jean Piaget, Ovide Decroly e Charles Baudouin, que ele considera seus mestres em pedagogia experimental. Diante de seu crescente interesse nestas questões, o padre Marie-Vincent Bernadot decide, então, confiar-lhe a seção “Educação” na revista dominicana *La Vie Intellectuelle* que ele havia acabado de fundar. A ambição de Chatelain é publicar, nos melhores prazos possíveis, “artigos ou notas (não técnicas), para iniciar o grande público aos novos métodos repensados pelos católicos” (AICP, 1931).

O contexto não é, todavia, favorável à iniciativa. François Chatelain sabe melhor do que ninguém disso. Numa época em que se defrontam as “duas França”, o combate dos

⁶Fundada em Saulchoir, em 1907, por um grupo de dominicanos, a *Revue des Sciences philosophiques et théologiques* abrange, desde sua origem, um amplo espectro de questões que permite a alguns membros da congregação se manter a par, ou mesmo participar, de alguns debates científicos do momento.

católicos não se reduz apenas à defesa contra os ataques dos partidários da escola única. Trata-se também de promover uma reforma naquilo “que ela tem de justa, limitando a sua oposição aos pontos nos quais estaria em perigo o interesse da fé e da liberdade das consciências” (SIMON, 1932, p. 566). Nada surpreendente desde que sejam recordadas as verdades essenciais que, em matéria de educação, são especificadas pela encíclica do Papa Pio XI de 31 de dezembro de 1929 aos educadores cristãos. Fundamentada nos princípios do Evangelho, esta “Carta da educação” lança luz sobre “esta questão de suprema importância, envolta, sobretudo nos nossos dias, em névoas” (CASTEL, 1930, p. 401). É, de fato, a primeira vez que um papa consagra um documento solene às questões educacionais a partir da doutrina, adaptando-o às condições particulares de seu tempo. Se as duas recomendações mais notáveis desta encíclica são o reconhecimento dos direitos do Estado em matéria de ensino e, em contrapartida, a educação pública reconhecer a adesão da comunidade educativa católica, os motivos de discórdia aparecem quando é abordada a questão do “sujeito da educação”.

O SUJEITO DA EDUCAÇÃO SEGUNDO A ENCÍCLICA⁷

Segundo a Encíclica, a educação tem como objetivo formar “o homem integral” com todas as suas faculdades naturais e sobrenaturais. As primeiras devem ser desenvolvidas não só porque elas são presentes de Deus, destinadas, no plano divino, a desabrochar o quanto possível, mas também porque elas são a base para o desenvolvimento das segundas⁸. Todavia, o homem em formação, ao qual se interessa este texto pontifício, é um ser caído de seu estado natural pelo pecado original. Redimido por Cristo que o reintegra na sua condição sobrenatural⁹, ele não possui os privilégios da imortalidade do corpo, o dom da justiça¹⁰, nem os da integridade e equilíbrio das suas inclinações¹¹. Subsistindo na natureza humana, os efeitos do pecado original (BOUREUX; THEOBALD, 2005)¹² se traduzem no enfraquecimento da vontade e nas tendências desordenadas:

Deixa o homem em um estado de anarquia, de desarmonia, de desequilíbrio. A razão perdeu o seu controle sobre as outras potências; resultando a insubordinação frente à vontade, daí a necessidade do papel educativo que consiste em sujeitar a vontade diante das tendências inferiores (CHANTELAIN, 1933).

A Educação cristã abarcará, então, a correção dos afetos desordenados das crianças durante o desenvolvimento e o disciplinamento dos afetos considerados sadios. Para atenuar esta tendência humana para o mal, a educação cristã precisará, portanto, “iluminar a inteligência e fortalecer a vontade através das verdades sobrenaturais [...] e com o auxílio da graça”¹³. Em outras palavras, trata-se de educar este homem sob os valores do cristianismo

⁷ Refere-se à Encíclica **La Documentation catholique**, n° 507-508, 15-22 fevereiro de 1930.

⁸ Porque convém “formar o homem antes que o cristão” a fim de não destruir a natureza.

⁹ Através da redenção de Cristo, os homens podem encontrar pelo batismo a vida da graça, mas sem restaurar os dons anteriores ao pecado original e, por isso, são menos capazes de resistir às inclinações naturais quando estão diante de uma interdição divina ou natural.

¹⁰ Suas escolhas não serão mais ditadas somente pela vontade de Deus.

¹¹ Ele não conhecerá nem a negação benéfica nem a moderação salvadora.

¹² Formulado por Santo Agostinho, a doutrina do pecado original, na sua formulação tradicional, faz do pecado uma herança de Adão e então toda a humanidade seria afetada. Esse entendimento do pecado original e os seus limites no plano teológico foi questionado por BOUREUX, Ch.; THEOBALD, Ch. (dir.) **Le péché originel, heurs et malheurs d'un dogme**. Paris, Bayard, 2005.

¹³ Ajuda de Deus que permite ao homem alcançar a salvação, isto é, ser resgatado de seu estado natural de pecado e da perdição que dele resulta.

visando estabelecer a primazia dos poderes espirituais em suas tendências inferiores, pelo resto de sua vida. A função da graça neste empreendimento será, pontualmente, de restaurar a obediência, o assujeitamento da vontade: “A graça de Cristo é uma graça redentora que corre abundantemente sobre a natureza caída, incumbida de repará-la do pecado original” (AFPC, 1930).

Conforme assinalado por A. Decoenes e A. Staelens é importante recordar as diferentes e conflituosas abordagens doutrinárias da relação entre educação e pecado original (DECOENES; STAELENS, 1932, p. 240). A primeira, em referência a Pascal e aos jansenistas, acredita que a natureza humana, manchada pelo pecado original de Adão, é naturalmente inclinada em direção ao mal. Com a segunda abordagem, resultante da concepção rousseauiana, o homem nasce naturalmente bom, mas corrompe-se ao se tornar um ser social. A educação deve se esforçar para trazer a criança de volta ao seu estado natural, sem a necessidade da intervenção divina. A doutrina católica, enfim, parte do princípio de que a natureza humana foi desfigurada pelo pecado original e que ela inclina-se fortemente para o mal. Esta terceira abordagem, à qual subscreveu François Chatelain, acredita que a natureza não é totalmente corrompida e, através de um esforço pessoal, auxiliado pela graça de Deus, o homem pode fazer o bem. A reprovação mais ou menos tácita do movimento da Educação Nova depende, doravante, da concepção pessoal que se tem do pecado original.

UMA INICIATIVA LEGITIMA APESAR DE TUDO

A fim de não ferir a sensibilidade dos educadores católicos, cujo conservadorismo poderia ser confrontado a qualquer momento sob forma de polêmicas, e assim seus esforços ruiriam, François Chatelain prossegue com máxima cautela. Preocupado em preservar seu anonimato na *Vie Intellectuelle*, ele assina alguns de seus artigos sob o pseudônimo de Marc Andro. Ao mesmo tempo, ele encoraja autores que preconizam esta nova pedagogia no ensino tradicional¹⁴. Apesar destes esforços, alguns membros do clero, à semelhança do vigário geral d'Arras, Charles Guillemant, condenam estas ideias. Comentando a encíclica do Papa Pio XI na revista *L'Enseignement chrétien*, ele denuncia, desde o mês de março de 1930, esta “autonomia e esta liberdade ilimitada da criança” (GUILLEMANT, 1930, p. 99), que, segundo ele, mina os esforços educacionais da comunidade escolar. Dentre os muitos elementos que exigem certa reserva em relação aos métodos modernos de educação, Charles Guillemant também menciona o esquecimento do pecado original, a busca de uma moral puramente laica e a pretensão de liberar e emancipar a juventude. Este único artigo demonstra como, então, a Educação Nova pode ser associada a outras formas de educação (educação libertária assumida naqueles dias pelas comunidades livres de Hamburgo), cujos fundamentos ideológicos contrariam as orientações mais elementares da doutrina pedagógica cristã.

Para François Chatelain, pelo contrário, esta Encíclica abre um caminho a todo um trabalho que consistiria em examinar os diversos e inovadores métodos da Educação Nova. Este empreendimento lhe parece tanto mais urgente quanto legitimado pelo Magistério. Estes métodos “ativos” podem, de fato, serem utilizados, na sua visão, como oportunidades ao educador que busca fazer a criança ter autodomínio e combater suas tendências inferiores. Refutando a crítica recorrente de que todos os métodos atrativos são contrários ao esforço indispensável a toda a aprendizagem, François Chatelain cita o sumo pontífice, que escreve que “podemos conceber esta autoridade, este esforço, este regulamento como uma cooperação ativa e gradualmente mais consciente da criança à sua formação”(DOCUMENTATION CATHOLIQUE, 1930). O padre Chatelain acredita que, enfim, muitas das tentativas isoladas e excessivas se encontram rechaçadas por conta de frases imprudentes de alguns dos pioneiros da

¹⁴Entre 1930 e 1933, são aproximadamente dez artigos que tratarão desta questão na *La Vie Intellectuelle*.

Educação Nova; declarações que nem sempre refletiam o interesse dos seus pressupostos, e, assim, alguns desses educadores acabaram prejudicando a si mesmos. A partir desta constatação, François Chatelain decide com o padre Jean Jaouen ampliar o estudo dos métodos ativos publicando obras que se esforçam “em discernir, a partir de materiais abundantes e diversos, aquelas que merecem ser mantidas a serviço dos mais altos propósitos da educação” (CHANTELAIN, 1978).

A COLEÇÃO *LES SCIENCES ET L'ART DE L'EDUCATION*

Dirigida por um grupo de especialistas belgas e franceses¹⁵, esta coleção tem como objetivos “informar os educadores sobre o movimento educacional contemporâneo, avaliar sob a perspectiva científica e à luz da doutrina católica e reunir, assim, tendo em vista uma verdadeira preparação da criança para a vida, os resultados obtidos pelas ciências da educação”. Embora a apresentação da coleção possa ser lida na parte de trás de cada volume, também ali não se consegue ter uma ideia clara dos desafios e restrições que, a partir de então, abrangiam tal iniciativa. Na contramão da linha editorial adotada pela *Éditions du Cerf* no final de 1920, a criação desta coleção de obras de pedagogia é crítica. Esta editora fundada em 1929, a pedido do Papa Pio XI, pelo dominicano Marie-Vincent Bernadot adota, de fato, desde o início, uma política em favor dos periódicos. Assim, durante a primeira década, o setor “livros” é um pouco marginal. Esta orientação não é desprovida de consequências e dificulta o trabalho de François Chatelain à frente desta coleção. Muito cauteloso face aos círculos católicos, ele cuida constantemente para garantir a confidencialidade do projeto em todas as suas fases.

Em termos de legitimidade doutrinária, ele cerca-se de muitas figuras importantes do clero. Desta forma, o conselho editorial da coleção não sofre com o ceticismo que poderia ter surgido com a “pretensão editorial” de estudar a pedagogia contemporânea, que os mais conservadores dentre os educadores católicos não teriam falhado em condenar. Dos vinte membros do Conselho Editorial, encontramos o bispo de Dijon, Monsenhor Pierre Petit de Julleville; cinco sacerdotes, todos professores de pedagogia (o abade E. Charles, o cônego L. Deschamps, o abade F. Hovre, o cônego Gustave Jeanjean (GUTIERREZ, 2010)¹⁶, Jules de la Vaissière); três sacerdotes, professores ou antigos professores colegiais (Jean Jaouen, F. Kièffer, o abade Lucien Sullerot); um irmão marista, Louis Riboulet; quatro professores de psicologia ou de pedagogia em exercício na Universidade de Louvain, Bélgica (Raymond Buyse; Arthur Fauville, Jean Gessler, Albert Michotte) ; dois universitários católicos (Georges Dwelshauvers¹⁷ e René Nihard); dois médicos (P. Vervaeck, e H.-M. Fay); Georges Bertier, o diretor da *École des Roches* e Jules Bézard, professor de pedagogia em Versailles¹⁸.

ESTRATÉGIAS EDITORIAIS E CAUTELA DOUTRINÁRIA

A composição do conselho editorial é relativamente homogênea. Ele reúne especialistas católicos em pedagogia e psicologia infantil, alguns vindo de várias universidades como Louvain-la-Neuve (Bélgica), Fribourg (Suíça), Roma e Milão (Itália). Se a ausência de alguns padres católicos como Eugène Devaud, François Charmot, Jean Calvet, François Datin

¹⁵ A proximidade do convento Saulchoir de Kain, na Bélgica, com a cidade de Tournai, explica as razões pelas quais a impressão das obras era realizada na gráfica Casterman. A partir de 1935, F. Chatelain prosseguirá a supervisão da coleção do convento dos dominicanos, situado à rua Vanneau, em Paris.

¹⁶ Sobre este professor do Instituto Católico de Paris, ver: GUTIERREZ, Laurent. O nascimento da pedagogia científica no Instituto Católico de Paris. A contribuição do abade Gustave Jeanjean. *Transversalités*, n°114, outubro-dezembro de 2010, p. 41-56.

¹⁷ O nome dele vai desaparecer da lista de membros do conselho editorial em 1938.

¹⁸ Indicado na publicação do primeiro volume, em seguida, seu nome desaparecerá.

ou Eugène Terrien, dentre os membros, pode surpreender, a presença de George Bertier e, particularmente, a de Jules Bézard, são igualmente importantes. Nomeado vice-presidente do “Grupo francês de Educação de Nova (GFEN)” em 1931, o diretor da *École des Roches* pode ser criticado pela pertença dúbia e por, possivelmente, comprometer a tradicional orientação cristã da editora¹⁹. As relações de Jules Bézard com os *Compagnons de l’Université nouvelle* (PUCET, 2012)²⁰ e com a Sociedade Francesa de Pedagogia²¹ se inscrevem, *a fortiori*, nesta mesma lógica de compromisso ideológico. Esta orientação, essencialmente pedagógica, norteia esta estratégia em favor de uma renovação dos métodos de ensino em detrimento de uma reflexão doutrinal, por essência polêmica.

A presença de sacerdotes conhecidos por suas reservas em relação a certos métodos da Educação Nova contribuiu para dissipar quaisquer mal-entendidos. O abade F.-J. Kieffer, figura respeitada no interior do campo educacional católico, principalmente por suas posições em favor de uma melhor compreensão da disciplina escolar²², enfatizou várias vezes sua reticência em relação às orientações preconizadas pelos representantes da “pedagogia moderna”²³ e pelos “defensores da Escola Nova”²⁴. Numa conferência em 1923 no Instituto Católico de Paris²⁵, ele havia sublinhado a ausência sistemática de reflexão sobre a disciplina no movimento da pedagogia contemporânea, tendo em vista, de um lado, seu impregnado liberalismo e, por outro lado, os limites apresentados pela dimensão ainda “experimental” destes métodos. Jules de Vaissière, apreciado por seus escritos contra a coeducação (LA VAISSIERE, 1924) e seu ceticismo diante da psicanálise, assegura a esta coleção uma garantia teológica incontestável. O abade Gustave Jeanjean endossa a seriedade da iniciativa editorial representando o Instituto Católico de Paris (ICP). Georges Dwelshauvers, professor e diretor do laboratório de psicologia experimental no ICP, também elogiara os méritos desta coleção, que “responde a uma necessidade social e merece receber a urgente atenção de todos” (DWELSHAUVERS, 1936, p. 377). Os abades E. Charles L. Sullerot, fiéis colaboradores em *L’Enseignement chrétien*, irão completar a ortodoxia eclesial desta coleção.

AS OBRAS DE PEDAGOGIA ‘CRISTÃ’

Entre 1931 e 1951, são dezesseis livros que aparecem na coleção *As Ciências e a Arte da Educação*. Publicados em ritmo irregular²⁶, alguns se tornam verdadeiro best-sellers. Inspirado na coleção “Atualidades pedagógicas” da editora Delachaux e Niestlé, F. Chatelain sugere volumes de aproximadamente 180 páginas, destinados a educadores e outros

¹⁹ Para vários observadores, o GFEN congrega majoritariamente membros da educação pública, cujos dirigentes são simpatizantes ou membros do Partido Comunista Francês.

²⁰ Grupo laico que preconiza a instituição da escola única e questiona o recém-criado Comitê Nacional de Ensino Livre. Sobre este assunto (POUCET, 2012)

²¹ Organização de reflexão pedagógica responsável pela realização de palestras e conferências sobre os rumos do ensino público, das quais participam exclusivamente membros da educação pública. (GUTIERREZ, 2016).

²² Além de sua presença regular nos congressos da *Maisons de l’Alliance d’éducation Chrétienne*, o abade F.-J. Kieffer da Sociedade de Maria tornou-se conhecido por sua obra **A autoridade na família e na escola**. Paris: Beauchesne, 1920, 489 p.

²³ Sem nomear, ele irá se referir a Jean-Jacques Rousseau, mas acima de tudo, mais explicitamente, a Tolstói e Nietzsche.

²⁴ Tendência representada, segundo ele, na França, por Binet e Simon; nos Estados Unidos, por Stanley Hall e Dewey; e na Suíça, por Claparède e Ferrière

²⁵ Conferência reproduzida integralmente, em duas partes, na revista *L’Enseignement chrétien* de 1923 (1ª parte, outubro, pp. 505-509; 2ª parte, novembro, p. 580-585).

²⁶ Dois em 1931, dois em 1932, um em 1933, dois em 1934, dois em 1935, dois em 1936, nenhum em 1937, um em 1938 e nenhum entre 1939 e 1942, um em 1943, nenhum em 1944, dois em 1945, nenhum entre 1946 e 1950 e um em 1951.

interessados em educação. Os autores que ele procura, católicos em sua maioria, defendem essencialmente os métodos resultantes de sua própria experiência. Estes depoimentos vivos de experiências pedagógicas são uma característica marcante desta coleção, cujas formas de abordagem dos autores confirmam esta escolha editorial em publicar dez livros de pedagogia - descrição e ilustração de método²⁷; três livros de Marie Fargues abordando especificamente a questão da catequese²⁸; duas monografias²⁹; uma biografia³⁰; três livros de reflexão geral sobre educação³¹.

Conhecidos por seu trabalho em seus respectivos campos, os colaboradores desta coleção, quer sejam ou não membros do comitê editorial³², fornecem uma garantia inegável a este projeto pelo tema e conteúdo de seus livros. A obra coletiva de 1931 oferece uma perspectiva católica sobre as questões educativas e pedagógicas do momento. Sua finalidade é enriquecer o debate, fundamentalmente aberto a todos, já que visabeneficiar a infância. O livro de René Nihard sobre *La méthode des tests* acompanha os trabalhos do psicólogo e professor no Collège de France, Henri Piéron, através do conceito de aptidão e com as probabilidades resultantes da utilização dos testes na avaliação e orientação dos alunos (GUTIERREZ; MARTIN, 2016). O padre Jean Jaouen com *La formation sociale dans l'enseignement secondaire* participa plenamente dos debates do momento³³. Com seus quatro livros e sua participação no primeiro volume da coleção, Marie Fargues aparece como uma das mais fiéis colaboradoras do padre Chatelain neste projeto refém, desde o seu início, a uma concorrência editorial.

UMA APOSTA CONCORRENTE NO MERCADO DAS EDIÇÕES PEDAGÓGICAS

Em uma carta de 01 de fevereiro de 1931, François Chatelain escreveu a Marie Fargues: “Peço-vos mais uma vez a discricção absoluta no que concerne ao projeto da coleção; é essencial que não sejamos surpreendidos antecipadamente e para que eu não veja os obstáculos já se multiplicando” (AICP, 1931). Naquela época, o padre F. Chatelain é realmente forçado a ter um grande cuidado pelo fato de que alguns colaboradores da coleção terem contratos com a editora belga Lamartin: “Isso me força a ter cautela, são relações entre os vários fundadores da coleção com L., livreiro oficial “liberal” da Universidade de Bruxelas e da coleção “*pédotechnie*” (AICP, 1931). Era preciso esperar o mês de março de 1931 para que o projeto pudesse finalmente tornar-se público.

²⁷ FARGUES, Marie. *La rédaction chez les petits* (1931, 168 p.); NIHARD, René. *La méthode des Tests, pour initier les éducateurs* (1932, 236 p.); LAMBRY, Robert. *Le dessin chez les petits*, obra premiada pela Academia Francesa (1933, 188 p.); BEZARD, Julien. *Les débuts du Latin*, adaptados a infância (1934, 230 p.); CHANCEREL, Léon. (com a colaboração de Hélène CHARBONNIER e Anne-marie SAUSSOY) *Les jeux dramatiques - Eléments d'une méthode* (1936, 182 p.); PREVOST-DEBATTE, Thérèse. *Maman jardinière d'enfants* (1943, 75 p.); COUSINET, Roger. *Une méthode de travail libre par groupes* (1945, 107 p.).

²⁸ *Les méthodes actives dans l'enseignement religieux* (1934, 243 p.); Marie FARGUES (e um grupo de catequistas), “*Tests*” *collectifs de catéchisme*. Tome I (1945, 146 p.) e II (1951, 151 p.).

²⁹ BERTIER, Georges. *L'École des Roches* (1935, 315 p.); HUGUENIN, Elisabeth. *Les enfants moralement abandonnés* (1936, 222 p.).

³⁰ DERKENNE, Françoise. Pauline Kergomard et l'éducation nouvelle enfantine, 1838-1925 (1938, 200 p.).

³¹ LA VAISSIERE, Jules de; SERTILLANGES, A.-D.; FARGUES, Marie; JAOUEN, Jean; FAUVILLE, Arthur; BUYSE, Raymond. *Questions actuelles de pédagogie* (1931, 196 p.); JAOUEN, Jean. *La formation sociale dans l'enseignement secondaire* (1932, 194 p.); LA VAISSIERE, Jules de. *La pudeur instinctive*, psychologie positive - Education (1935, 149 p.).

³² Exceto o primeiro volume, seis dos vinte membros do comitê editorial estão entre os autores da coleção, a saber: Sra. Fargues, R. Nihard, J. Bézard, J. Jaouen, J. Vaissière e G. Bertier.

³³ Este livro é o resultado das reflexões do autor sobre o tema do concurso proposto pela *l'Académie d'Education et d'Entr'aide Sociales* em 1931 intitulado: “A formação social no ensino secundário”.

Mas outra razão explica a vigilância do padre Chatelain. Ao mesmo tempo, uma outra coleção está no mercado, forçando-o, desde março, a editar o primeiro volume (prefácio, índice, etc.) e anunciar em revistas e junto a personalidades que poderiam ser úteis à esta difusão. Esta publicidade é ainda mais urgente, uma vez que a coleção “Problemas da Educação” da editora *Desclée et Brouwer* “nos precedeu, publicando um volume muito bem editado, muito barato, 10 f.; este não é, aliás, o espírito da nossa coleção e não é delicado de sua parte (eu lhe explicarei pessoalmente), mas é enfadonho” (AICP, 1931). A situação ficou ainda mais delicada, pois, na véspera da publicação do primeiro livro da coleção, a “*Desclée et Brouwer et Cie* (...) anuncia novos (...) volumes. Por isso, é preciso não deixar que essa coleção não se implante antes da nossa” (AICP, 1931).

A RECEPÇÃO DOS LIVROS DA COLEÇÃO NO CAMPO DA EDUCAÇÃO CATÓLICA

O lançamento dos primeiros volumes da coleção é recebido com simpatia nos círculos católicos universitários. Assim, pode-se ler no Anuário do Instituto Católico de Paris que o “trabalho científico” levado a cabo por esta coleção é

muito interessante (e) necessário (num momento que) em todos os lugares se colocam os problemas da educação, onde a França assiste a uma ampliação do debate sobre a escola, onde os católicos se apresentam como herdeiros de uma doutrina, um método, e quase um programa (ANONIMOS, 1931, p. 206).

É conveniente não se equivocar sobre a escolha do primeiro livro da coleção. Diz a apresentação que alerta o leitor de como deve compreender este trabalho: “ele deverá se interessar, sobretudo, pelo método e espírito em que a obra foi redigida: ele compreenderá a coragem, a lealdade e o benefício que a casa editorial traz com tais estudos e conclusões práticas” (ANONIMOS, 1931, p. 206-207). Na *La Vie Intellectuelle*, Eugene Dévaud não deixa de enfatizar a competência desta brilhante equipe de trabalhadores reunidos pelos diretores da coleção. Mas esta é apenas a primeira parte da tarefa, sublinha, acrescentando de imediato, que a segunda, a mais importante e que virá em breve, oferecerá para as famílias e professores “uma teoria da educação adaptada às necessidades dos novos tempos” (DEVAUD, 1931, p. 43).

Esta recepção anima Chatelain em seu apostolado, que está feliz

em ver a atitude de muitos educadores católicos conservadores mudar gradualmente. Mesmo o abade Devaud, professor na Universidade de Fribourg, que a pouco polemizava com Ferrière e se mostrava tão hostil aos novos métodos, enviou-me um C. R. (compte rendu - [resenha]) muito amigável para uma revista suíça, que eu enviei a outra revista belga (AICP, 1931).

Mas os primeiros sinais de satisfação logo dão lugar a dificuldades de outra natureza. Três anos após o lançamento do primeiro volume, François Chatelain enfrenta o desinteresse que os responsáveis pela *Editions du Cerf* destinam a esta coleção. Em correspondência a Marie Fargues, ele lamenta as muitas ocasiões em que Juvisy não cumpriu os compromissos ou tratou-os com lentidão. Em dezembro de 1934, diante dos problemas de reedição de algumas obras da coleção, ele expõe as dificuldades particulares em convencer os diretores da editora da neutralidade política da sua ação (AICP, 1934). Isto pode explicar porque o primeiro volume

da coleção, que rapidamente se esgotou, não é reimpresso³⁴ mesmo tendo uma recepção entusiástica em várias revistas e outros boletins diocesanos, onde se publicaram notas.

PRECAUÇÕES ETERNAS

Esta precaução relativa à neutralidade editorial do projeto é novamente perceptível na ocasião da publicação do livro de Françoise Derkenne em 1938. No prefácio, Chatelain lembra aos membros de sua comunidade que:

Se Pauline Kergomard não partilha a nossa fé, se às vezes é mal compreendida, sua obra pedagógica ao menos mantém, ainda hoje, um inegável valor, e nós acreditamos permanecer fiel ao nosso espírito, recebendo este livro em nossa coleção (DERKENNE, 1938, p. 7).

Na primeira edição de “Um método de trabalho livre para grupos” de Roger Cousinet em 1945, dois apêndices completam o trabalho. O primeiro é um extrato do relatório preparado pela Sra. Dupré, professora em Savigny (Seine-et-Oise), que, depois de ter experimentado este método de ensino durante sete anos³⁵, reconhece nele vantagens inegáveis tanto em termos de ensino bem como no estilo de vida da comunidade escolar. No segundo apêndice, o padre dominicano Michel Bonnet Paillerets

se pergunta o que pode acontecer com a educação religiosa e com o desenvolvimento das virtudes sobrenaturais num sistema que nada deve ao desenvolvimento espontâneo e harmonioso das tendências naturais da criança, sem recurso a qualquer tipo de autoridade (BONNET DE PAILLERETS, 1945, 90).

Michel Bonnetde Paillerets pretendendo essencialmente tranquilizar os educadores católicos quanto ao alcance essencialmente prática deste livro, escreve:

(...) Aqui se trata de psicologia positiva e do relato de uma experiência. Devemos, portanto, ler estas páginas com uma atitude de observador, sobretudo atentos aos fatos, como o próprio autor. Ela deve ser mantida no plano de uma psicologia de observação, muito perto da realidade concreta, e absorver as aplicações práticas no domínio da pedagogia. Não é necessário transpor diretamente estas observações ao plano de uma metafísica do espírito que não está no horizonte do autor. Talvez seja verdade que sua linguagem não seja sempre a mesma para traduzir sua experiência psicológica se ele também tinha uma filosofia da mente ou da razão, então ele parece não ter outro critério supremo além da *vida* (grifo do autor), do desenvolvimento *biológico* (idem) de alguma maneira. Mas desejar descobrir uma filosofia da vida nessas observações é correr o risco de sair da trilha e ir muito além das intenções do autor. Tomemos cuidado para não compreender sua linguagem em seus próprios limites. Aparentava ser um belo jogo bonito contradizer algumas de suas afirmações que parecem paradoxais, uma vez isoladas de seu contexto e de seu ambiente real, o qual é científico e não metafísico. Seria um erro de método e uma espécie de desonestidade (BONNET DE PAILLERETS, 1945, p. 93-94).

CONCLUSÃO

Esta última citação é emblemática no conjunto das precauções tomadas por François Chatelain no quadro desta aventura editorial e num contexto educacional marcado por fortes

³⁴ O único livro desta coleção que terá uma reimpressão será o de Léon CHANCEREL e seus colaboradores sobre *Les jeux dramatiques*.

³⁵ Infelizmente não é indicado o nível de classe, bem como o status da escola (se pública ou confessional) em que foi realizada esta experiência entre 1934 e 1940.

disputas ideológicas. Apesar do apoio acadêmico e dos educadores católicos em torno da causa, François Chatelain trabalhará por quase vinte anos na missão de mostrar a necessidade de uma renovação pedagógica baseada no estudo objetivo dos “métodos ativos”. Este projeto, que exige repensar a singularidade de uma pedagogia cristã não foi uma iniciativa isolada naquele momento. A tentativa franco-belga, iniciada pelos jesuítas, em torno do desenvolvimento de um dicionário de pedagogia católica (ROCHER, 2001), faz parte deste investimento em direção ao campo educacional através das editoras católicas. Restava convencer os educadores cristãos dos fundamentos teológicos da Educação Nova que, na década de 1930, despertavam, sobretudo, a suspeita e o ceticismo quando questionávamos os fundamentos da “educação tradicional” (HOUSSAYE, 2014).

REFERÊNCIAS

AICP. **Arquivos do Instituto Católico de Paris**. Fundo Marie FARGUES. Cartão n° 34. Carta de F. Chatelain à M. Fargues de 01 de fevereiro de 1931.

AICP. **Arquivos do Instituto Católico de Paris**. Fundo Marie Fargues. Caixa n°34 bis. Carta de 03 de novembro de 1931.

AICP. **Arquivos do Instituto Católico de Paris**. Fundo Marie Fargues. Caixa n°34 bis. Carta de 16 de dezembro de 1934.

AICP. **Arquivos do Instituto Católico de Paris**. Fundo Marie Fargues. Caixa n°34 bis. Carta de F. Chatelain à M. Fargues 11 de maio de 1931.

AICP. **Arquivos do Instituto Católico de Paris**. Fundo Marie Fargues. Caixa n°34 bis. Carta de F. Chatelain à M. Fargues 19 de abril de 1931.

AICP. **Arquivos do Instituto Católico de Paris**. Fundo Marie Fargues. Caixa n°34 bis. Carta de F. Chatelain à M. Fargues 06 de março de 1931.

ANONIMOS. **Bibliographie**. Annuaire de l’Institut catholique de Paris, 1931, p. 206

BOUREUX, Ch.; THEOBALD, Ch. **Le péché originel, heurs et malheurs d’un dogme**. Paris, Bayard, 2005.

CASTEL, Mgr. **Encyclique de S. Pie XI sur l’éducation chrétienne**. Lumen, n°4, 1930, p. 401.

CHATELAIN, François. **Archives privées de François Chatelain (APFC)**. Cours à l’Institut catholique de Lille. Cours du 7 décembre de 1933, folha n°18.

CHATELAIN. **Annales de Notre Dame de La Salette**, 1978, p. 42.

COUSINET, Roger. **Une méthode de travail libre par groups**. Paris: Cerf, 1945, p. 93.

DECOENES, A.; STAELENS, A. **Psychologie pédagogique et doctrine chrétienne de l’éducation**. Louvain, 1932, p. 240.

DERKENNE, Françoise. **Pauline Kergomard et l’éducation nouvelle infantine (1838-1925)**. Juvisy: Cerf, 1938, p. 7.

DEVAUD, Eugène. **Problèmes actuels de pédagogie..** La Vie intellectuelle. N°1, 10 de outubro de 1931, p. 43.

DWELSHAUVERS, Georges. Chronique de la psychologie. **Revue de Philosophie.** N°4 de Janeiro/fevereiro de 1936, p. 377.

FARGUES, Marie. **La rédaction chez les petits,** Edition Du Cert, 1931, p. 168.

GUTIERREZ, Laurent. A sociedade Francesa de Pedagogia (1919-1938). In: KAHN, Pierre; MICHEL, Youenn (dir.). **Formation, transformations des savoirs scolaires.** Caen: PUC, 2016, p. 169-182.

GUTIERREZ, Laurent. **O nascimento da pedagogia científica no Instituto Católico de Paris.** A contribuição do abade Gustave Jeanjean. Transversalités, n°114, outubro-dezembro de 2010, p. 41-56.

GUTIERREZ, Laurent; MARTIN, Jérôme; OUVRIER-BONNAZ, Régis. **La contribution d'Henri Piéron à l'édification de la psychologie scientifique et de l'orientation professionnelle.** Paris: Octares, 2016.

HOUSSAYE, Jean. **La pédagogie traditionnelle.** Une histoire de la pédagogie. Paris, Fabert, 2014.

KAHN, Pierre; MICHEL, Youenn. **Formation, transformations des savoirs scolaires.** Caen: PUC, 2016, p. 169-182.

KIEFFER, F. **A autoridade na família e na escola.** Paris: Beauchesne, 1920, 489 p.

KIEFFER, F. **La Documentation catholique,** n° 507-508, 15-22 fevereiro de 1930.

LA VAISSIERE, Jules de. Etudes de psychologie pédagogique. **Archives de philosophie.** vol. 5, número 2, 1927, p. 1-22.

LA VAISSIERE, Jules de. Etudes de psychologie pédagogique. **Archives de philosophie.** vol. 5, número 2, 1927, p. 1-22.

POUCET, Bruno. **L'enseignement privé en France.** Paris: Puf, 2012, p. 32-33.

ROCHER, Philippe. Um dicionário de pedagogia católica para ao século XX? História de um projeto franco-belga. **Revue d'histoire ecclésiastique.** N°1-2, 2001, p. 1-30.

SIMON, Pierre-Henri. O problema da unidade na reforma do ensino. **La nouvelle Revue des Jeunes.** Janeiro-junho de 1932, p. 566.

Submetido em: Setembro de 2017.

Aprovado em: Janeiro de 2018.